

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SANT'ANNA, Sabrina Marques Parracho . Sabrina Marques Parracho Sant'Anna (depoimento, 2017). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 0min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Sabrina Marques Parracho Sant'Anna
(depoimento, 2017)**

Rio de Janeiro

2021

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 17/03/2017

Duração: 1h 0min

Arquivo digital - áudio: 1;

Temas: Bolsas de estudo e de pesquisa; Ciências Sociais; Didática; Ensino superior; Formação acadêmica; Formação profissional; Instituições acadêmicas; Pós - graduação; Sociologia; Universidade Federal Fluminense; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Vida cotidiana;

Sumário

Entrevista: 17.03.2017

O processo de profissionalização da entrevistada nas Ciências Sociais; os trabalhos freelances paralelos ao doutoramento; a estadia em Holanda durante o doutorado; o retorno ao Brasil e o trabalho na Fundação Alexandre Gusmão (Funag); o concurso para a Universidade Federal Fluminense (UFF); o concurso para a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); as primeiras aulas ministradas na UFRRJ; o processo de preparação das aulas; as disciplinas ofertadas nos primeiros anos de docência; as avaliações das disciplinas; sua prática docente ao longo dos anos; recursos didáticos usados em aula; o espaço em casa para realizar a preparação das aulas; o planejamento semanal das atividades; a orientação dos alunos; a rotina do dia a dia da entrevistada; o trabalho nos fins de semana; a rotina da entrevistada na UFRRJ; a experiência na coordenação de pós-graduação; os eventuais conflitos de horários entre aulas e reuniões institucionais; os conflitos no âmbito da coordenação; o processo de criação do programa de pós-graduação; o processo de elaboração de um projeto de pesquisa para capitalização do programa; a questão dos produtos de um projeto de pesquisa; a conciliação das atividades diárias com as atividades de pesquisa; o desenvolvimento de pesquisas em rede; as estratégias de escrita da entrevistada; o processo de pesquisa em arquivos digitalizados; as estratégias para a apresentação de trabalhos acadêmicos; os pareceres realizados pela entrevistada; a rotina de leitura; atividades realizadas com públicos de arte; a relação com as redes sociais; as atividades de extensão realizadas; o contato com os orientandos de graduação e pós-graduação; reflexões sobre atividades que gostaria de desenvolver mais; estratégias utilizadas para participação de bancas.

Entrevista: 17.03.2017

João Maia – Bom, dia 17 de março, CPDOC, entrevista com a professora Sabrina Parracho da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Obrigado, Sabrina, por ter vindo, e a primeira pergunta que a gente sempre faz é: você foi estudante de Ciências Sociais, mas em que momento ou como se deu essa percepção de que eu sou uma profissional de Ciências Sociais? Como isso virou uma profissão, digamos assim?

Sabrina Parracho – [risos] Que pergunta difícil! Entendi. Nossa, é uma pergunta difícil essa. É isso, a gente faz graduação e, depois, naquela época, eu acho que tem mudanças, você não tinha profissão [risos]. Cientista Social era o quê? Era um limbo, eu acho, porque você não tinha a graduação, é o ensino fundamental, o ensino médio, você não tinha ido para o – na época era segundo grau – não é? Você não tinha sociologia no segundo grau. Então eu achava isso, quando eu me formei, quando acabou a...

J.M. – Que foi o ano, qual ano mesmo?

S.P. – 2001, eu acho. Caramba, tem que fazer conta aqui... 2002, não, é 2001. 98, 99, 2000... É, 2001. Então, não tinha ainda sociologia no segundo grau. Então, eu não fiz licenciatura, que você saía cientista social, o que eu achava que era uma coisa que não tinha, que não era sociólogo, não era antropólogo, não era cientista político, não tinha nem uma nomenclatura que você pudesse... Você falava cientista social, “Ah, assistente social”, tinha uma coisa assim. Então, eu achava muito esquisito, daí eu fui fazer o mestrado, porque não tinha profissão, era uma coisa que você não tinha mercado. Não sei o que é que você achava, eu achava isso na época, que não tinha mercado para cientista social. Então eu fiz o mestrado, e depois eu terminei o mestrado e continuava achando que não tinha mercado [risos]. Então eu fui fazer o doutorado, eu falei “Gente, mas ninguém...”. Eu tinha uma cara de juvenzinha, nenhuma universidade privada vai me contratar [risos]. Então eu acho que só... Daí eu saí do doutorado, eu cheguei a pensar em desistir, teve uma... apesar disso, quer dizer. Acho que no doutorado eu achei que era socióloga, daí eu acho que teve a definição do que era a profissão, não é? Apesar de já fazer pesquisa desde a graduação, o exercício da profissão já vinha desde até antes, que eu fiz aquele bendito... Qual era o nome daquilo? Era iniciação científica júnior, que era lá no segundo grau.

J.M. – Aham.

S.P. – Então o exercício da profissão vinha antes, mas o que era, como explicar o que você faz, isso era muito difícil então a identidade de sociólogo acho que veio com o doutorado, eu acho.

J.M. – Você terminou o doutorado em que ano?

S.P. – Em 2008.

J.M. – Você ao longo do doutorado, você se dedicou só ao doutorado ou você dava aula também em algum lugar?

S.P. – Não. Não, acho que eu prestei assim consu.... coisa de pesquisa, trabalhava com aquela coisa de trabalho de campo. Quer dizer, trabalhava com pesquisador em muitas pesquisas, isso eu fiz assim desde a graduação.

J.M. – Como assim?

S.P. – Tipo entrevistando, esse tipo de coisa. Quer dizer, eu fiz entrevista, mais entrevista.

J.M. – tipo como se fosse um trabalho freelancer no projeto de alguém?

S.P. – Freelancer, é, exatamente, exatamente.

J.M. – Aí te pagavam por tarefa?

S.P. – Por tarefa. Exatamente.

J.M. – Isso você fazia um pouco desde a graduação ?

S.P. – Desde a graduação.

J.M. – Tá.

S.P. – Mas dar aula eu não dei, ainda mais que eu fiz um negócio, anos depois eu fui para Holanda, teve uma coisa assim... Pessoal [risos]. Fui para Holanda, casei, fui para Holanda. Fiquei um tempo.

J.M. – Durante o doutorado?

S.P. – Durante o doutorado. Daí eu voltei depois que acabou o doutorado.

J.M. – O casamento continua?

S.P. – O casamento acabou também [risos]. Junto acabou o casamento.

J.M. – Aí você voltou para o Brasil....

S.P. – Daí eu voltei para o Brasil. É, daí eu fiz, daí eu trabalhei com pesquisa, eu sempre trabalhei mais com pesquisa, essa coisa de dar aula era muito difícil para mim, porque eu era muito introvertida. Eu vou, é confessional aqui, desculpa fazer isso. [risos].

J.M. – Não, tranquilo.

S.P. – Mas, então, eu trabalhei mais em pesquisa. Então depois eu fui para FUNAG, lá para o Itamaraty.

J.M. – Depois do doutorado?

S.P. – Depois do doutorado.

J.M. – O que era o que lá que você fazia?

S.P. – Fazia pesquisa, eu coordenei uma pesquisa mais histórica, na área de História da ciência, Sociologia da ciência, porque eu tinha feito a minha iniciação em Sociologia da ciência.

J.M. – Durou quanto tempo lá na FUNAG?

S.P. – Um ano, um ano e meio, chegou a um ano e meio.

J.M. – Sei, e tinha uma rotina de trabalho, tipo seletista, você ia todo dia lá...

S.P. – Ia todos os dias, tinha horário [risos], era praticamente... Mas sabe que eu adorava, era o tempo que eu tinha para fazer... Era uma coisa incrível, eu acho que não existe mais isso. Você ia lá fazer pesquisa, eu ficava lá no arquivo, ficava o dia inteiro, entendeu? Só trabalhava, eu adorava. Porque é isso, você tem um tempo que você fica lá só trabalhando, não tem essa coisa, essa diversidade que a gente tem na universidade. Muito diferente, eu acho. Então eu fiquei um tempo trabalhando como pesquisadora e depois eu fiz o concurso para Rural.

J.M. – Isso então você deve ter feito o concurso para Rural, se eu estou fazendo a conta correta, em 2009, 2010?

S.P. – 2009.

J.M. – 2009. Foi o primeiro concurso que você fez?

S.P. – Não. Eu fiz um concurso para UFF quando eu ainda estava terminando o doutorado. Eu já tinha voltado para o Brasil e estava terminando o doutorado. Eu fiz para aquele UFF de puro, Rio das Ostras.

J.M. – Sim, Rio das Ostras.

S.P. – Você quer saber [risos]? Eu vou te contar.

J.M. – Se você quiser contar ...

S.P. – Meu tio é professor da UFF na Matemática, não tem nada a ver. E ele estava fundando esse polo lá, já estava se aposentando, se aposentou. E ele achava que eu devia fazer, “faz, faz, faz”. E eu falei “eu não vou fazer que eu não terminei o doutorado, não tenho a menor chance, não vou passar”... “Faz, faz, faz”... Daí eu fui muito bem na prova escrita, muito bem nas provas, mas chegou na prova-aula eu falei 15 minutos [risos].

J.M. – Aí você foi desclassificada ou...

S.P. – Fui desclassificada, foi uma coisa horrorosa, porque daí eu não tive... Você tem que falar 50 minutos, foi uma coisa horrível. Daí eu fiz esse concurso antes de fazer para Rural.

J.M. – Então foi importante para fazer o da Rural?

S.P. – Foi, foi super importante, porque daí eu aprendi que tinha que falar 50 minutos. A gente está muito acostumado a falar os 15 dos congressos, mas você não tinha prática de aula. Então essa coisa de falar 50 minutos era muito difícil. Então daí eu fiz o primeiro, depois eu fiz esse, depois eu fiz um da... entre, uma semana antes do [concurso] da Rural, eu estava estudando para o da Rural, teve ao mesmo... Daí depois teve uma inscrição para UFF, mas eu estava estudando para o da Rural, daí eu fiz um para UFF, mas eu fiz muito assim de ..

J.M. – Sim, você estava focando no da Rural...

S.P. – É, no da Rural, exatamente.

J.M. – E aí, e como foi começar a trabalhar na Rural? Assim, você não tinha prática de aula, aí você foi contratada por uma universidade federal, fazer pesquisa, dar aula... Como foi essa chegada assim?

S.P. – [risos] Mas o que você diz? De dar aula? Eu acho muito difícil até.... Não, agora melhorou.

J.M. – Não, a gente vai falar sobre isso. Mas pode começar por aí, como é que era para você começar a dar aula? Como é que foi? Te atribuíram disciplina....

S.P. – É, foi, não gente, era uma coisa engraçada, porque eu falava rápido, até hoje eu falo, mas quando eu fico nervosa eu falo mais rápido. Então a aula acabava rápido, daí eu falava... Teve uma aula que eu dei Marx inteiro numa aula [risos]. Até a aluna falou: “Nossa, professora, você está começando, não é? Você deu tudo hoje” [risos]. O aluno mesmo percebeu que eu estava assim...

J.M. – Mas como é que, antes de você entrar em sala, das primeiras vezes, você preparava...

S.P. – Gente, eu preparar a aula demorava muito tempo. Não, tinha uma preparação imensa de aula.

J.M. – E como é que era essa preparação? Na tua casa ou lá na Rural que você fazia?

S.P. – Em casa. Na Rural eu tenho um problema, assim, eu não vou já adiantar, eu acho que talvez você pergunte isso depois.

J.M. – Vai chegar lá...

S.P. – É, mas a gente tem o problema do espaço que você tem para trabalhar, que é muito precário. Quer dizer, a gente chegou e fundou o departamento com 26 professores e não tem espaço para isso, então a gente tem uma sala, eu não sei se a Elisa já te contou, não sei se você já entrevistou ou se vai entrevistar...

J.M. – Ainda vou falar com ela.

S.P. – É uma sala, tipo, talvez 3 salas dessa aqui dividida em baias que você tem aquele espaço para trabalhar, então entra aluno para conversar com professor, você orienta, é tudo naquele espaço, então você não consegue... Eu não tenho a mínima... Principalmente no Itamaraty que eu ficava lá numa salinha minha, eu trabalhava, quer dizer, tinha o meu espaço. E na Rural você não tem isso. Você não tem uma privacidade, quer dizer, aquela coisa do

trabalho que você precisa de um... Eu preciso de um silêncio, eu não sei trabalhar com barulho, não é? Então eu sempre trabalhei, o trabalho da universidade eu faço em casa, quer dizer, o trabalho é.... que não é dar aula, ou estar na reunião, isso tudo eu faço em casa.

J.M. – E aí a preparação de aulas em casa, como é que era essas primeiras assim?

S.P. – Não, eu preparava horas. Eu passava o dia inteiro preparando para dar aula no... [risos].

J.M. – Mas você lia os textos?

S.P. – Lia os textos, lia os textos, lia tudo, eu até....

J.M. – Preparava um texto seu?

S.P. – Não, não...

J.M. – Tudo na...

S.P. – É, eu sempre fiz, sempre fiz uma coisa de falar, porque eu achava que isso...

J.M. – Você não levava uma nota, umas fichas, nada?

S.P. – Não.

J.M. – Nada assim, você ia falando assim...

S.P. – É, porque eu achava que eu ter a bengala ia denotar mais insegurança do que eu já passava para os alunos [risos]. Então eu evitava, quer dizer, que está ali com o negócio na ponta da língua.

J.M. – Aham.

S.P. – Depois a Elisa foi generosa, nesse sentido, porque ela percebia – quer dizer, é óbvio que foi...

J.M. – Que você tinha uma dificuldade....

S.P. – É. Então ela me deu o primeiro período, uma disciplina que era externa para arquitetura, que eu sempre gostei muito porque tinha a ver com a...

J.M. – Com as suas discussões?

S.P. – É, e uma disciplina que era optativa, então eu dava aula para 5, 6 alunos que era um curso também agradável para mim, porque tinha a ver com a minha discussão, não é? Então na verdade eu só peguei no primeiro período, eu peguei uma turma mais, que era mais pesada, que era essa da introdução à sociologia, que era para arquitetura. E a optativa que daí também não me dava tanto trabalho, porque daí eu fiz uma coisa meio parecida, o programa da arquitetura com o programa da optativa, fiz uma coisa mais de sociologia e a cidade, sociologia e imagem, fiz uma coisa que era mais...

J.M. – E nesses primeiros tempos o teu estilo de aula era muito assim: você apresentava, falava as ideias ou você tentava criar uma coisa “agora fala você, vou botar uma questão para você responder”, e tentava alguma coisa assim ou era mais você apresentando?

S.P. – Era mais eu apresentando.

J.M. – Certo. E dava prova, trabalho assim?

S.P. – Dava prova. No começo eu dava mais prova. Agora tenho feito mais seminário, mas eu dava prova. Prova e aula expositiva [risos].

J.M. – E, vamos manter um pouco então na aula para não sair muito da coisa. Mudou muito assim do começo para hoje, você...

S.P. – Não, com certeza, eu acho que hoje eu não preparo tanto, uma coisa que me dá... porque antes era uma coisa exaustiva assim, tinha que pensar, eu ficava muito tempo

preparando a aula, não é? Agora eu não preparo mais tanto, quer dizer, aquilo já está, já sai mais naturalmente.

J.M. – Mas você continua sem necessariamente levar um texto, notas de aula, continua se fiando um pouco na leitura, na tua questão etc...

S.P. – Tem mais esses, eu acho que é mais... Era o que eu, eu acho que a gente reproduz um pouco daquilo que a gente achava que era bom. Então eu gostava das aulas expositivas, entendeu? Então eu dou aula expositiva e escrevo no quadro, faço uma coisa que eu achava que eram os bons professores, que eu gostava, então eu faço...

J.M. – No teu tempo menor que você tem hoje de preparação de aula, quando você lê alguma coisa, é mais o texto que você vai dar ou você usa outros materiais, às vezes você vê vídeo... você trabalha com sociologia da arte, por exemplo, você às vezes se preocupa com a preparação de imagens, alguma coisa assim?

S.P. – Por exemplo, esse período de novo eu consegui, porque daí é isso, na Rural é assim, a gente dá uma disciplina que é para o curso e uma disciplina que é para fora.

J.M. – Sempre assim? Todo semestre?

S.P. – Todo semestre. Às vezes muda, às vezes você dá, às vezes muda, não é? Mas normalmente, praticamente sempre, é uma para dentro e uma para fora. Então a gente dá aquelas disciplinas obrigatórias: sociologia 1, 2, 3, 4. Então essa eu não tenho como, eu não fujo assim. Vou dar o Parsons, agora eu estou dando o Parsons, o Schütz, aquela coisa de sociologia americana. Então é isso que eu estou dando. E na [disciplina] para fora, eu dei para Belas-Artes. Então eu já faço uma coisa que é mais dentro da minha pesquisa, não é? [Risos]. Então eu faço umas filmagens – eu faço uma primeira parte que é mais clássica, Marx, Weber e Durkheim, e uma segunda parte que eu tento dar sociologia da arte, não é? Então nessa eu uso mais imagens, uma discussão mais... Agora na outra eu dou uma coisa mais clássica.

J.M. – Sim, sim, sim.

S.P. – Eu não sei se eu te respondi....

J.M. – Não, respondeu. Então você, na tua preparação de aula, está em casa, não é? Enfim, você tem um espaço para trabalhar em casa ou é meio assim na sala... Porque às vezes as pessoas têm escritório.

S.P. – [risos] Não, você sabe que lá em casa eu acho que é uma coisa de gênero. Fernando tem o escritório dele, mas eu trabalho em qualquer lugar.

J.M. – Ah, não é compartilhado?

S.P. – [risos] Não é. Ah, não, então, tem uma mesa lá do Fernando, mas a minha é... mas eu sempre fui assim. Também não é... Acho que não é uma coisa de brincadeira, sabe, fala que é porque eu sempre fui mais desorganizada, então eu não fico num lugar só, entendeu? Eu espalho a minha bagunça pela casa.

J.M. – E você consegue fazer como se fosse um planejamento da tua semana? Tipo, “ah, segunda-feira eu vou dar uma olhada nas provas, sexta é o dia que eu escrevo”. Você consegue fazer isso?

S.P. – de jeito nenhum [risos]. De jeito nenhum.

J.M. – e se pudesse então, assim descrever a tua rotina, se é que existe, de trabalho, acordei segunda-feira...

S.P. – Na segunda-feira daí eu vou levar a Dora para escola... Não, mentira – desculpa, vou falar a verdade, vou te falar francamente. Eu acordo 5 horas da manhã, porque eu tenho que preparar tudo que eu tenho que fazer antes da Dora acordar, que é às 9 horas da manhã. Porque...

J.M. – Tudo é o quê?

S.P. – É preparar a aula. Quer dizer, então preparo aula 5 horas da manhã, quando eu dou aula na terça-feira e na quinta, porque terça e quinta são os dia que eu dou aula.

J.M. – Então segunda você acordou às 5 horas e começou a preparar a aula?

S.P. – Não, na terça, no próprio dia, senão eu não me lembro. Como tem isso que eu preciso da memória, eu preciso preparar a prova, a aula no dia.

J.M. – Tem que estar fresca.

S.P. – Exatamente. Se eu preparo na segunda, eu esqueço, então tem que preparar no dia que eu vou dar aula. Daí eu faço isso, então de manhã, e eu gosto de trabalhar de manhã, porque tem uma coisa de estar mais assim disposta, não é?

J.M. – Fresca.

S.P. – Exatamente, tem uma coisa de que se eu começo a trabalhar logo eu rendo mais, se o dia passa e eu não comecei a trabalhar, vai passando, sabe?

J.M. – Certo.

S.P. – Então eu acordo muito cedo e faço isso. O dia que eu não vou para Rural, que é o dia que eu não dou aula, eu vou trabalhar, então, nas coisas que eu tenho que fazer: artigo, orientação, daí vai depender. Esse que é o problema, eu trabalho com os prazos, é uma coisa horrível, eu não sei trabalhar se não tiver uma coisa... Uma meta [risos], então eu tenho que orientar. Agora eu estava com... Eu passei as férias orientando aluno, eu estava com as orientações todas atrasadas. E agora é março, está no período de defesas, eu tenho que orientar, orientar, orientar. Estou com três para defender agora.

J.M. – Aí no caso da orientação você faz de casa também, é um comentário sobre os trabalhos, você envia, tem um skype, alguma coisa assim?

S.M. – Não, normalmente eu faço em casa e depois a gente se encontra na Rural.

J.M. – Naquele espaço das baias?

S.P. – É, ou às vezes, que eu fiquei um tempo coordenando o programa, então a gente encontrava no programa de pós-graduação, lá na salinha do programa, que tem uma sala que é melhor, não é? E daí eu continuo, às vezes, pedindo licença lá para coordenação para fazer isso, porque o espaço é mais confortável para orientar aluno. Então eu continuo usando, às vezes, a sala da pós para orientar, não é? Então eu faço isso, eu leio nesse horário.

J.M. – Às 5, 6 horas...

S.P. – É, já deixo tudo comentado e depois eu encontro com eles para gente conversar.

J.M. – No caso quando você acorda aí nesse horário madrugador, você está sozinha ou o Fernando acorda também?

S.P. – Não, eu estou sozinha.

J.M. – Ah, está sozinha, a casa...

S.P. – É, exatamente, silêncio absoluto. É uma coisa que eu consigo. E a Dora tem um... É uma coisa que ela dorme muito tarde, então não daria para fazer isso de noite.

J.M. – Entendi.

S.P. – Ela dorme meia noite. Então eu não aguento, preciso acordar muito cedo de manhã e eu prefiro também, eu acho que tem uma coisa do render mais, entendeu? Eu não rendo muito de noite. Rendo mais de manhã.

J.M. – Tá, e no dia que você não tem que ir para Rural a casa também fica solitária assim, que a Dora está na escola e tal...

S.P. – É, exatamente, daí também. Mas aí tem a coisa das demandas, tem a coisa da casa assim.

J.M. – As demandas da vida da casa, que atrapalha...

S.P. – É, da vida... Atrapalha, mas eu consigo também, eu trabalho nesse horário que a Dora está na escola, daí também...

J.M. – E no fim de semana? Ele existe?

S.P. – Fim de semana, é, a gente continua [risos]. O fim de semana, essa coisa do nascimento do filho, ela está com quatro anos agora, então isso interrompe um pouco. Por isso que eu estou falando, eu falei “Ai, meu Deus, vai repetir de novo a entrevista da Marina!”, só que era diferente, porque eu estava grávida, agora é um pouco diferente [risos]. Mas isso toma um pouco do tempo que eu tinha antes, porque no fim de semana eu sempre trabalhava, sempre. Não tinha isso de final de semana, não é? Agora é mais difícil, eu tenho que conseguir é articular alguma coisa ou então quando eu tenho alguma coisa do prazo, eu peço para minha mãe ficar, aí eu consigo trabalhar mais no final de semana.

J.M. – Mas, inicialmente, você trabalharia no final de semana?

S.P. – Claro [risos].

J.M. – Alguém não trabalha [risos]?

S.P. – Claro, exatamente, é claro. E mesmo com toda essa dificuldade, eu continuo trabalhando final de semana. Não sei como é que estão as suas entrevistas aí, mas eu acho que todo mundo trabalha final de semana, não é?

J.M. – E aí é um tempo especial ou é uma segunda-feira igual?

S.P. – E nas férias.

J.M. – Uma segunda-feira igual às outras? Ou é um tempo assim, fim de semana é bom para escrever...

S.P. – Fim de semana é ruim para escrever. Porque daí é o dia que a Dora não está na escola.

J.M. – Sim, sei.

S.P. – Entendeu? Para mim final de semana virou o pior, virou aquele tempo que é mais difícil, não é?

J.M. – Sim. Nas suas idas à Rural, que são terça e quinta, não é?

S.P. – É.

J.M. – Então você vai basicamente terça e quinta?

S.P. – É, mas às vezes tem reunião. Esse negócio das reuniões na Rural, tem sempre reunião.

J.M. – Sei. Você vai de carro?

S.P. – Vou de carro.

J.M. – Você vai, aí acabou... Aí você volta, digamos assim? Você não tem uma sociabilidade lá?

S.P. – É, isso é uma coisa que, desculpa voltar esse tema, mas que piorou depois do nascimento da minha filha. Primeira coisa, eu comprei o carro depois que ela nasceu, porque antes eu não tinha, eu ia de ônibus. Não tinha esse problema, mas aí depois que ela nasceu eu achava que não podia mais ficar dependendo do ônibus, entendeu? Que eu tinha que ter... mais rápido. E antes eu ficava mais tempo na universidade. Mesmo quando eu dava aula de uma às cinco, eu ficava depois, ficava até às sete. Ficava até mais tarde. Depois que ela nasceu eu fico menos. Mas, tem uma coisa, por exemplo, esse período eu estou de uma às três, eu gosto disso, eu dou aula de uma às três e tem intervalo de três às seis.

J.M. – Até a próxima aula...

S.P. – É, das seis horas, eu tenho aula de seis às oito. Então tem um intervalo no meio que eu gosto, porque você tem uma convivência maior da universidade com os alunos, de você poder orientar, de você ter um tempo. É, eu prefiro, quando você tem um intervalo entre as aulas. Desculpa, mas eu não me lembro do que você perguntou.

J.M. – Não, era da tua rotina na Rural mesmo, se voltava, você está respondendo já.

S.P. – é, tá. É isso, então, diminuiu, mas eu gosto de ter essa coisa de você estar um pouco na universidade, você ter um tempo maior.

J.M. – Você sente falta disso?

S.P. – É, sinto, é. Esse período, por exemplo, eu fiquei muito pouco, mas na coordenação eu ficava muito, por outro lado. Era tempo demais, eu não conseguia fazer as outras coisas que eu faço quando estou em casa, porque eu estava demais dentro da universidade, que é a coisa da coordenação que te toma um tempo insuportável, não é?

J.M. – Sim, sim. Coordenação da pós no caso?

S.P. – Da pós.

J.M. – Aham.

S.P. – Não sei...

J.M. – Foi, foi, foi. No caso assim que é... você está lá desde 2010, se eu não me engano, não é?

S.P. – 2009.

J.M. – 2009, é. Então, já são oito anos e seu principal cargo administrativo foi coordenação da pós?

S.P. – É, fiquei como vice, depois eu fiquei na coordenação.

J.M. – E isso consumia bastante a tua semana assim?

S.P. – Gente, só isso que você faz [risos]. Só isso, não é? Mentira, você tem que fazer as outras... Você faz as outras coisas junto, mas a coordenação toma uma dimensão imensa, especialmente porque a gente está com um programa jovem, não está consolidado, então a gente tem uma coisa imensa que é uma tentativa de consolidar o programa, consolidar as práticas, consolidar... Então teve um esforço imenso de construir, fazer palestra, fazer seminário, tentar colocar o programa na rua. Então eu acho que justamente eu peguei esses primeiros – eu peguei a vice-coordenação na primeira e depois peguei a coordenação na segunda gestão logo, que foram os meus primeiros quatro anos de programa. Então a gente fez um esforço muito grande para conseguir institucionalizar o programa. Então eu acho que isso tomou... e depois, daí tem a burocracia da universidade, que tinha as reuniões do CEPE, que você tem assento em todos os conselhos, CEPEA, CONSUNI, CEPE... Então tinha reunião toda semana, duas reuniões por semana, toda hora. Num outro momento, outra coisa que estava acontecendo também que era a definição da progressão para titular. Então tinha que ter uma presença muito intensa, porque na Rural estava se instituindo a área de Humanidades e ninguém entende o que é isso, não é? Então você tem que valorizar o livro, valorizar a nossa produção. Então tinha um esforço também político de consolidar área de Humanidades na universidade. Então, teve uma coisa muito chata que era uma atuação mais da burocracia da instituição, do andar, do caminhar da instituição.

J.M. – Muito trabalho invisível, digamos assim?

S.P. – Muito trabalho invisível .

J.M. – Conversar com fulano fora da reunião, aí....

S.P. – E brigar na reunião, porque é uma coisa que te toma, eu acho, emocionalmente, uma coisa que...

J.M. – Que te consome, não é?

S.P. – É, consome, depois ficar... Uma coisa que é muito cansativa, muito cansativa, eu acho.

J.M. – Tu chegava eventualmente a situações de que você não conseguia dar uma aula direito de tão consumida que você estava, de você estar doente?

S.P. – Não, eu faltei muita aula, porque... por estar doente não, mas porque eu tinha que estar na reunião ao mesmo tempo. E na Rural tem uma coisa, não sei se as outras universidades tem também, que a reunião tem prioridade sobre a aula. Você não pode justificar a sua falta na reunião dizendo que eu vou dar aula.

J.M. – Dizendo que tem aula. Entendi.

S.P. – E eu cheguei a receber uma notificação dizendo que eu tinha faltado e não tinha justificado, porque eu esqueci que tinha reunião, porque tem tanta reunião que você esquece. Eu esqueci e não justifiquei.

J.M. – Mas isso qualquer reunião ou reunião de colegiado, congregação?

S.P. – Não, é, todas têm, mas o CEPE especialmente é muito rígido, que é o conselho superior, o conselho de ensino e pesquisa. E algumas você tem que estar, porque é uma questão que, senão, você vai perder bolsa. A reunião da câmara de pós-graduação. Se você não for na reunião da câmara de pós-graduação, a reitoria vai dar bolsa para outro programa.

J.M. – Aham.

S.P. – É simples, você tem que estar lá, marcando posição para o programa, coitado, chorar as pitangas, “eu preciso de bolsa”, para você ganhar a bolsa [risos]. Então você tem uma coisa assim da prática institucional que é muito chata, mas que é importante, senão seu programa não se consolida. É isso, a gente está com um programa que é nota 3, mas que você quer subir. Tinha uma missão assim, se tem alguma coisa na Rural que foi uma missão, foi de construir a pós-graduação [risos].

J.M. – Ainda nesse cargo aí que você teve, que é um cargo inclusive de liderança, ou seja, você estava junto com seus colegas, mas você, mal ou bem, – não vou dizer chefe – os liderava ou tentava exercer alguma posição de liderança ali. Isso foi complicado, tem atrito, que eles te viam como alguém que tentava...

S.P. – É, cara... [risos]. Tinha muita briga, não é? Tem muita briga, mas eu acho que teve mais briga no primeiro momento, porque você tem que ter uma certa... Eu acho assim, foi o que eu te falei, eu tenho dificuldade de dar aula, mas eu acho que você precisa ter uma certa franqueza quando você está na coordenação, transparência e uma certa habilidade de entender os outros. Isso eu acho que eu, mal ou bem – não estou me valorizando nem nada –, mas eu acho que eu conseguia fazer de alguma maneira que não tinha tanto atrito. Eu conseguia, eu acho, dissolver um pouco as tensões, que eu acho que você tem que mostrar o porquê que a gente precisa produzir mais.

J.M. – Aham.

S.P. – Por que precisa? Daí você mostra, você faz um gráfico lá e mostra. Gente, eu fiz isso de levantar a produção de todos os programas. Está vendo, é esse tipo de trabalho que é totalmente invisível, não conta produção, trabalho braçal, chato para...

J.M. – Aí você mostrou para os professores?

S.P. – Mostrei. E as pessoas entendem, daí isso dissolve a tensão, entendeu? Eu acho, o fato de fulano não ficou credenciado...

J.M. – Aí você chegava a ter uma conversa chata ou delicada com um, individualmente, falar “Olha, você, a tua produção”... Chegava a ter momentos de individualidade dessa conversa?

S.P. – Cara, é o seguinte. Vou te contar então aí a cozinha de como é que foi a criação do programa. Desculpa, não sei se a gente está...

J.M. – Não, faz parte, porque é o teu trabalho.

S.P. – Está bom. A gente criou o programa e com todos os professores no primeiro momento. Daí isso foi para câmara de pós-graduação, daí a câmara fez um parecer recusando o credenciamento de uns cinco ou seis professores. E aí você teve que negociar um por um, quem é que ia entrar e quem não ia entrar. E alguns realmente não tinham condição de ter aquela produção mínima, que a gente sabe que tem uma produção, era... na época, eu não me lembro mais quanto é que era... Não era muita coisa. Não é muita coisa que a área de sociologia exige, mas era um ou, sei lá, tinha que ter dois qualificados, era pouco, mas as pessoas não tinham nem isso. Então você não tinha como justificar. Mesmo assim algumas pessoas achavam que tinham puxado o tapete, entendeu? Mas não era, tinha uma câmara que tinha razão na sua argumentação e que tinha tirado aquelas pessoas da pós-graduação, entendeu? Isso causou um mal-estar imenso, porque as pessoas achavam, não tinham clareza do que tinha acontecido. Então a Ana Ara, não sei se você conhece a Ana Ara...

J.M. – Sim, sim.

S.P. – Ela é muito difícil, mas é uma pessoa muito correta. E ela fez uma coisa que eu acho que depois as pessoas... Até hoje ficam reclamando que a gente fez isso. “Vocês ficam botando o nome de todo mundo lá para a gente ver quem é que produz o quê”, mas a transparência foi importante, porque daí a gente explicou porque que fulano e ciclano tinham ficado fora.

J.M. – Tipo um e-mail assim?

S.P. – Não, fez uma reunião e botou lá no quadro, fulano, todos os nomes e qual era a produção de cada um.

J.M. – Aham.

S.P. – E até hoje a gente faz isso. Porque isso, apesar de as pessoas falarem “Ah, causou um mal-estar”, dissolveu a tensão, porque se achava que a gente tinha puxado o tapete de sei lá quem, entendeu?

J.M. – Entendi.

S.P. – A Elisa foi uma que foi super acusada. “Ah, a Elisa foi, sacaneou”... entendeu? E não era, entendeu?

J.M. – Entendi.

S.P. – Então não era, quando você vai ver na... então isso dissolveu. E depois, daí é isso, daí a gente sempre fez isso depois. Porque daí teve que fazer isso uma vez e daí agora que fez...

J.M. – Criou um certo...

S.P. – Uma rotina desagradável, porque é chato, realmente, você tem que ir lá e ver como é que está sua produção, mas, enfim, nem sei que que você tinha perguntado, João.

J.M. – Mas era isso mesmo, era o trabalho de coordenação. Hoje você não está no cargo administrativo?

S.P. – Não, graças a Deus.

J.M. – Só comissões eventuais...

S.P. – Eu acho que a vida melhorou, eu acho [risos]. Eu acho, teve uma hora que eu falei não aguento mais, eu queria sair para o pós-doc, eu estou assim é... Eu quero sair, porque eu não aguento mais trabalhar só... trabalhar não, não fazer a pesquisa, que é o que eu acho que é porque eu fiz... o que me levou a fazer Ciências Sociais. Acho que foi fazer pesquisa, qual é a sua vocação... não era dar aula, minha vocação não é, nunca, minha mãe é professora, mas nunca quis ser professora, entendeu? O que eu queria fazer era fazer pesquisa, era uma outra coisa, não é? E a gente, eu não conseguia fazer isso. Eu dou aula, coordeno e não consigo, não consigo...

J.M. – Vamos entrar então na pesquisa, que é um outro aspecto da tua atividade, não é? Quando você tem projetos de pesquisa, que você submete a editais assim, você... surge da tua cabeça, tem a ver com um grupo que você está sempre dialogando ou é por demanda: “olha tem um edital sobre tal coisa, vou montar algo para isso”. Como é que é esse começo de uma ideia de um projeto?

S.P. – Acho que tem diferentes motivos que te levam a fazer um projeto. Tem histórias diferentes. Eu acho assim, cada projeto tem a sua... Por exemplo, a coisa do edital universal, eu pedi, eu tenho...vai fechar agora. Eu pedi, porque tinha dois alunos que tinham passado para o doutorado e estavam sem bolsa e eu queria financiar de alguma maneira, então vou pagar para eles trabalharem na minha pesquisa e eu preciso de dinheiro para pagar, então eu fiz um edital para esse grupo, para esses dois. Quer dizer, fiz com eles, fiz junto.

J.M. – É um projeto coletivo com os alunos então?

S.P. – É. É um projeto que foi com esses meninos que estavam fazendo doutorado, a Ana e o Guilherme. O projeto Humanidades, que a gente ganhou, mas até hoje o dinheiro não saiu, foi um projeto nesse sentido que você falou, de demanda, precisamos de dinheiro para o programa, nosso programa está precisando comprar computador. Eu estava na coordenação ainda, falei, estava saindo, terminando a coordenação, “vamos fazer um projeto para ganhar, para ganhar dinheiro” porque é muito dinheiro. Não sei quanto era, nem sei se eu posso falar isso [risos], de ter feito para capitalizar o programa.

J.M. – Não tem problema nenhum, todo mundo faz isso.

S.P. – É, então a gente fez, nós fizemos para capitalizar o programa. A gente ganhou, mas não tem dinheiro.

J.M. – E aí era uma galera assim no projeto?

S.P. – Foi um projeto grande, daí fui eu, a Patrícia lá da Rural e a gente chamou é...a Lígia da UFF e duas pesquisadoras da UERJ: Maria Alice e a Ana Paula. Então, na verdade, a ideia era que a gente dividisse o bolo e cada programa ganhasse um pouco. Então era um projeto que já era meu e a gente se juntou para ganhar o projeto. Era um projeto que já existia na verdade, a gente reformulou de uma maneira que todo mundo pudesse se agregar para...

J.M. – Aham. No caso, assim, quando você pensa um projeto de pesquisa, seja um mais autoral, seja esse assim, você já tem na cabeça, ao final, “daqui a dois anos quando terminar

eu gostaria de escrever um livro, ou queria escrever um artigo”... Você já tem isso na cabeça? Uma previsão disso, o que hoje chamam os produtos... abre muitas aspas.

S.P. – Ah, a gente tem que fazer, não é? [Risos] Mas o que eu faço com esses produtos: eu normalmente, eu coloco como produto aquilo que eu normalmente produzo, mesmo, eu já vou, provavelmente, eu vou produzir dois ou três artigos e talvez, então o produto é geralmente uma coisa que eu já prevejo que eu vou, que eu devo fazer, mas não, não produzo para fazer um livro, por exemplo, não faço um projeto para fazer um livro. Até porque hoje, eu vou te falar francamente, é muito difícil conseguir produzir um livro.

J.M. – É verdade.

S.P. – Eu acho que com essa carga de trabalho que a gente tem, eu já falei isso algumas vezes, não sei nem se eu já te falei isso alguma vez, eu sempre falo. Teve uma época que eu acho que eu fazia projeto para fazer projeto, você faz o projeto para ganhar outro, uma coisa que vai assim. Você não faz o projeto porque você não consegue terminar na verdade, você termina, mas aquele produto é uma coisa que não, é um produto meia-boca assim. Não é um produto que eu acho que, de fato, acabou o projeto, você tem uma...

J.M. – Você vive gerenciando projetos...

S.P. – Gerenciando projetos, exatamente. Uma coisa horrorosa assim.

J.M. – O que nos leva à coisa da pesquisa assim, nesse cenário totalmente... Várias coisas assim, vida doméstica, coordenações, aulas etc. e tal. Como é que você consegue fazer uma pesquisa em termos práticos? Como é que é para você assim? Você tenta reservar um período ou você tenta todo dia mexer um pouquinho, nem que seja dez minutos, tem alguma estratégia?

S.P. – Não [risos], não, eu não consigo fazer isso de ter uma coisa assim, normalmente eu boto na agenda um dia, esse dia eu vou fazer isso.

J.M. – Ah, você põe, você faz isso?

S.P. – Um dia, eu não consigo assim, dez minutos, porque daí eu acho que não tem...

J.M. – Não dá, não é?

S.P. – É, eu não, eu não funciono desse jeito, eu preciso ter um tempo assim, mas normalmente é uma vez por mês [risos].

J.M. – uma vez por mês que você consegue?

S.P. – É, uma vez por mês, eu vou lá: “Gente, não é possível, eu vou ter que sentar para fazer isso”, entendeu? Porque senão, não consigo.

J.M. – Férias?

S.P. – Nas férias, óbvio. É nas férias, eu falei, eu preciso de férias para poder trabalhar. Eu sempre falo isso. Para poder trabalhar naquilo que eu gosto de fazer. Que é o que dá prazer, não é? Eu acho, o que me dá prazer é fazer pesquisa. Mas está tão raro, é isso, eu consigo fazer nas férias. E agora nas férias eu tenho ido para congresso. Eu não sei onde é que isso vai parar.

J.M. – Normalmente você não tem férias, então...

S.P. – Não tenho férias. Mas, eu não sei o que eu ia falar agora, mas é...

J.M. – Que você vai aos congressos e tal, bota um dia do mês para fazer a pesquisa...

S.P. – É, mas eu tenho essa esperança que fazer o pós-doc vai me tirar dessa vida assim de ter o tempo todo. Acho que tem que ter um a coisa que de quatro em quatro anos você tem que sair para fazer alguma coisa que... Lá na Rural tem uma coisa que todas – pelo menos as federais – [têm], que é a licença capacitação, você pode passar quatro meses sem... Só que a gente não aplica isso, mas eu espero que isso vá funcionar também porque eu acho que tem que ter um tempo que você tem que sair da universidade, senão você não consegue trabalhar.

Tem que sair da rotina da instituição. É isso, porque a instituição tem práticas, eu acho isso, porque depois você descobre, quando você é aluno você não percebe, mas quando você... a instituição ela tem as suas práticas rotineiras que precisam existir para que ela exista, para que...

J.M. – Sim, sim.

S.P. – E essas práticas tomam um tempo imenso, não é? Elas consomem, então o que é a pesquisa de fato que é aquilo que você faz quando você está fazendo mestrado, quando você está fazendo o doutorado, quando você está... você faz muito pouco. Eu acho que a gente faz muito pouco, na verdade o que eu tenho feito mais é, como esses alunos meus do doutorado que eu estou co-orientando, uma eu estou co-orientando, a outra eu estou mais..., eu faço pesquisa em rede, é isso que a gente faz, na verdade. Eles fazem a pesquisa, eu junto, a gente senta junto, discute e tenta chegar numa... mas é uma coisa que mais depende dos outros. Antes eu fazia pesquisa, era eu que ia lá. Era eu que ia no campo, era eu que... Eu gostava disso também, eu gosto disso de poder... E agora você um pouco terceiriza o trabalho de... E eu acho que, às vezes, você acha que o aluno não está fazendo direito, não confio muito [risos].

J.M. – Mas você tem pesquisa em grupo com colegas? E não alunos assim...

S.P. – Tenho, assim, fiz, agora você perguntou um negócio, teve um outro edital também que a gente fez sob demanda, que era um edital, que daí era eu, quem estava coordenando era a Alessandra Rinaldi e aí eu entrei como pesquisadora, a gente fez também junto. Então tem algumas pesquisas assim que a gente faz...

J.M. – E aí a lógica do trabalho, como é que é assim? Divide mesmo, você faz isso e eu faço aquilo...

S.P. – Eu não consigo trabalhar muito bem, esse é que é o problema, eu tenho dificuldade de em conjunto. Eu tenho escrito mais com os... Eu tenho escrito junto, mas aí eu escrevo, porque daí com aluno você que escreve na verdade. Eu que escrevo, não é o aluno. As pessoas acham que é ao contrário, que o aluno é que...

J.M. – E você só põe o nome, não é?

S.P. – E você só bota o nome... Na verdade é que é ao contrário, quem escreve sou eu e aí os dados normalmente são da pesquisa deles, quer dizer, os dados são deles, a gente escreve junto ali com os dados que são, eles fazem a pesquisa aí, e eu coordeno ali e a gente escreve, mas quem escreve normalmente sou eu. Quem faz a análise, sei lá... Não sei, João.

J.M. – Como é que é essa coisa da escrita para você assim? Digamos, você falando da pesquisa, quando dá, não é? A coisa da escrita, você também tem que botar um dia da semana assim, tipo um dia do mês assim, hoje eu tenho que parar tudo para escrever...

S.P. – Sabe qual é o... Eu acho que a escrita funciona, eu tenho assim uma coisa que é, tem que ter uma imersão, você tem que ter uma coisa assim, eu, cada um tem a sua...

J.M. – Estratégia...

S.P. – Estratégia, eu preciso ter uma... Então, eu preciso estar, por exemplo, uma semana escrevendo, entendeu? Eu tenho que fazer direto, porque senão é como se eu saísse, aí eu vou ler aquilo não faz mais sentido, sabe assim? Depois eu leio de novo, mas eu preciso ter um tempo, assim, seguido, não é? Quer dizer, eu não escrevo um dia, depois eu escrevo outro, eu não consigo, até tenho feito, mas é mais difícil para mim. Eu gosto de estar, escrever, de ter uma coisa assim de estar pensando sobre aquilo dias, quer dizer, não pode ser um dia só.

J.M. – Tem que ter uma sequência....

S.P. – Por isso que eu preciso das férias, entendeu? É.

J.M. – Então nas férias você escreve bem mais?

S.P. – Eu escrevo. É, nas férias normalmente eu consigo escrever.

J.M. – Aí consegue ficar em contato com o texto...

S.P. – É, exatamente.

J.M. – E para escrever na sua casa, etc. e tal, tem muita gente que tem variadas estratégias. Você senta já com uma ideia da estrutura ou você deixa o texto ir fluindo? Como é que funciona assim para você?

S.P. – Normalmente eu faço uma estrutura, é.

J.M. – Um esboço no computador?

S.P. – É, as primeiras, por exemplo, se é uma coisa mais longa.

J.M. – Um artigo assim...

S.P. – É, um artigo, é... daí pelo menos a primeira parte... Tem uma coisa das partes, o que que eu vou escrever em cada parte...

J.M. – Aí você faz um esbocinho disso assim...

S.M. – É, faço, faço... Às vezes muda, às vezes aquilo que você tinha planejado não funciona, mas, normalmente, tem uma estrutura do argumento, o que você quer, o que você está argumentando...

J.M. – Aham. Aí, no caso, digamos assim, você teve lá a pesquisa que você fez, os dados que os alunos juntaram, etc., mas eventualmente tem as referências, os livros e isso daí tem que estar tudo junto com você ou você já processou isso, anotou, não sei o quê, quando você senta já está assim, aqui, vai aqui, aqui... ou você tem...

S.P. – Não. Não, assim, é uma bagunça [risos], tem que estar tudo do lado, não é?

J.M. – Tem que estar tudo do lado...

S.P. – É, daí eu pego um monte de coisa... tem que estar tudo assim é... Meio bagunçado, eu acho, é uma coisa de estar tudo ali, tem que estar à mão, acho que tem que...

J.M. – No caso assim...

S.P. – Não, mas eu falei que os alunos que coletam, eu também consigo fazer uma parte dos dados, não é só... Uma coisa que eu achei incrível, por exemplo, é a bendita Hemeroteca Digital, eu acho uma coisa incrível.

J.M. – Da Biblioteca Nacional, não é?

S.P. – Pô, eu fiz muita pesquisa em jornal na graduação e eu ficava na biblioteca nacional com o microfilme. Então uma coisa que era da minha prática de pesquisa sempre, que é ver os jornais, virou muito mais fácil agora. Então isso facilitou, o tempo me diminuiu, então eu consigo, eu continuo conseguindo fazer isso, mesmo para banca, eu sempre vou e falo “Ah, você tem que olhar, eu olhei”. Eu olho rapidamente assim a Hemeroteca, acho que é uma coisa que melhorou, eu acho que também tem isso, eu acho que tem muito arquivo na internet. Quem trabalha com arquivo... Eu tive um aluno agora que ele fez pesquisa sobre o concretismo na América Latina. Cara, está tudo digitalizado lá, tipo, sei lá, nem me lembro mais, Chicago, numa dessas instituições americanas tem uma série de... é incrível.

J.M. – Cartas, documentos...

S.P. – Cartas, mesmo aquela pesquisa da FUNAI que era do século XIX, está tudo digitalizado. Não, não, não o arquivo do Itamaraty, aquele eu tinha que ir lá, mas um monte de coisa estar digitalizado, é incrível.

J.M. – Aham, muito bom, não é?

S.P. – Melhora; por outro lado, o que piorou do tempo que a gente não tem mais, eu acho que melhorou nesse sentido de acesso à informação.

J.M. – No caso, quando você vai para congresso, que aí também tem um tipo de apresentação você escreve também um texto ou você faz assim umas notas e fala na hora? Tem uma estratégia para isso?

S.P. – Olha, eu normalmente escrevo o texto, mesmo que eu não leia na hora, mas eu preciso. Isso que é o problema, porque a escrita, eu acho que ela está muito junto com a pesquisa, entendeu?

J.M. – Entendi.

S.P. – Eu preciso escrever o texto. Às vezes, normalmente eu não leio, mas eu preciso ter o texto pronto. Uma vez eu me lembro de ter feito, porque eu estava tão sem tempo, para aquela ISA do Japão. Fui para o Japão e eu falei, mas não tenho um texto e eu vou ter que apresentar aqui da minha cabeça. Foi a única vez...

J.M. – Logo ali, em inglês...

S.P. – Exatamente, eu falei, não acredito [risos]. Mas aí foi a única vez. Eu normalmente tenho um texto que às vezes eu nem falo aquilo que está ali, mas eu preciso saber qual é a conclusão... Entendeu? A conclusão, ela depende de uma argumentação que só pode aparecer na escrita, eu acho, para mim, entendeu? Quer dizer, é uma coisa que tem, a produção da pesquisa, ela vem com a escrita, ela não está na ...

J.M. – Nela mesma assim...

S.P. – É, e não está na fala, entendeu? E não está só nos dados, não está, ela está na argumentação que só aparece... por isso esse que é o problema, a gente não tem o tempo... Eu preciso de um tempo para fazer isso, você precisa de um tempo para conseguir construir uma argumentação escrita, que tenha uma argumentação, que você vai ler de novo, daí você muda, daí você lê de novo, não é?

J.M. – Aham. Você costuma pedir para alguém ler antes assim, por exemplo, antes de submeter um artigo para uma revista assim que você considere importante... você pede para alguém ler antes para você? Ou você, “vamos que vamos”...

S.P. – Não, não peço para ninguém ler [risos]. Não peço para ler, não... Tem uma coisa que é de... Eu sou muito resistente à crítica [risos].

J.M. – Então como é que é o parecer?

S.P. – É um inferno, outro dia eu recebi, eu odeio, eu vou te falar. Eu odeio submeter artigo... eu odeio submeter artigo. Eu prefiro que chamem, eu só, antes, eu só submetia porque chamou. Eu só submeto, só funciona sempre... Daí a gente fundou o programa, daí eu descobri que tudo aquilo que eu produzia valia pouquíssimo para o programa. Daí eu passei a ter que...

J.M. – Submeter artigos e tal...

S.P. – Submeter.

J.M. – Você já fez pareceres?

S.P. – Já.

J.M. – Você gosta de fazer?

S.P. – Sabe que eu gosto? [Risos] Eu gosto de fazer, porque... vamos falar o porquê. É porque eu tenho tão pouco tempo para ler outras coisas, que eu gosto de ler, entendeu? Eu gosto de ler o que está saindo, o que as pessoas estão produzindo, eu gosto, então eu gosto de fazer parecer. Gosto de ler.

J.M. – Porque é uma oportunidade de você ler um artigo...

S.P. – De ler... De ler com cuidado, então eu...

J.M. – Acompanhar...

S.P. – É, é.

J.M. – Aí você... você mencionou que praticamente não tem tempo para ler assim, então a tua leitura e uma parte da tua atividade profissional é totalmente funcional assim. Você vai fazer uma pesquisa, eu preciso ler isso daqui... não dá para todo dia eu vou ler...

S.P. – Não, não dá. Por isso, e também tem uma coisa dessa de que eu trabalho com prazos, esse que é o problema. E aquele tempo que você tinha antes que você usava para ler, que lia nas férias, acabou. Não consigo mais. O meu marido ele faz, ele lê, está lendo, eu falo “gente, eu não sei como é que ele consegue”, eu fico angustiada. Desculpa, eu vou falar coisas que você não...

J.M. – não... ele também, ele é acadêmico?

S.P. – Ele está na ECO, é professor da ECO. Daí ele, de repente descobre que... que o professor substituto sei lá o que... porque ele estava lendo [risos]. Eu fico angustiada. Como é que você num... a rotina da instituição precisa andar [risos]. E aí ele consegue, daí faz, porque isso que ele preza, que é o mais importante, que dá prazer no trabalho também, que é uma coisa assim... E, para mim, é muito difícil, apesar de me dar prazer também, mas eu não consigo mais fazer isso, muito raro.

J.M. – E uma outra parte que também, já que estamos falando de ensino, de pesquisa... Você consegue ter algum tipo de atividade que não seja relacionada a um público necessariamente acadêmico, tipo alguma coisa relacionada ao teu ofício, a tua profissão, que lide com gente de fora da universidade?

S.P. – O que eu fiz agora foi aquela palestra da Jovem Cientista, para os alunos da escola... Sabe que eu gostei? Gostei de falar para um outro público... Sabe o que acontece, como eu sou da sociologia da arte, algumas vezes chamam para falar para o público de arte. Então falei

no MAR, dei uma entrevista para aquele prêmio PIPA, às vezes chamam para coisas que não são...

J.M. – Em geral na chave da comunidade das pessoas envolvidas em arte e não sociólogos?

S.P. – Exatamente, e não sociólogos.

J.M. – Aí você dá palestras, entrevistas, coisas assim...

S.P. – É, raro, mas de vez em quando tem.

J.M. – E você segue um pouco esse mundo para além das ciências sociais, que é o teu objeto, por exemplo, sei lá, lê crítica de jornal, vê sites sobre o tema, segue alguém em rede social...enfim...

S.P. – Desculpa, repete, não entendi a pergunta.

J.M. – Se você costuma acompanhar esse mundo das artes para além do mundo das ciências sociais relacionado a ele, por exemplo, lendo crítica de arte, seguindo alguém no facebook, um artista que tu gosta de ouvir as opiniões dele, alguma coisa assim, ver um site sobre o tema...

S.P. – Eu faço isso para pesquisa, mas eu não tenho Facebook, mas o Fernando tem Facebook [risos].

J.M. – Aí você vê no dele?

S.P. – eu vejo no dele, eu confesso. Eu sou o fantasma do Fernando, assim, de vez em quando ele não responde... sou eu [risos]. Então, eu vejo o dele, e ele tem, daí ele é mais ligado ao mundo da... Ele é da arte, na verdade. Então acaba que eu tenho acesso a isso por causa dele, mas eu uso para pesquisa. Na verdade, eu estou mais interessada em ... Eu não vou olhar um artista porque eu acho que a obra dele é interessante, não é? Normalmente eu vou olhar

porque ele está nos coletivos.... Agora eu estou com essas coisas dos coletivos, então eu vou lá ver esse cara está no coletivo ... o que ele está falando...

J.M. – Entendi, entendi.

S.P. – É difícil estar assim, numa...

J.M. – Redes sociais não é o que... algo que você se dedique assim?

S.P. – Não, porque eu acho que eu não ia ter tempo para nada. Se eu visse isso também... Depois, tem uma outra coisa que são os alunos, eu sempre acho que é um problema, o que você vai misturar ali, o que é da vida privada, o que é... então eu não... eu não estou no Facebook, a única rede social que eu estou é aquela Linke...

J.M. – LinkedIn.

S.P. – É, eu entrei porque alguém chamou e eu tive que entrar, mas eu nunca entro naquilo, eu só aceito quando chamam, quando alguém convida, aquela coisa dos convites.

J.M. – Sim, sim, não é algo que você fique lá perdendo muito tempo, etc. e tal...

S.P. – Não, não, porque senão você não faz mais nada, eu acho que você não faz mais nada. Não sei.

J.M. – Agora uma última coisa. A gente já falou bastante do ensino, pesquisa, do que seria chamado de extensão, que era o que a gente estava.... a gente estava falando disso.

S.P. – É, exatamente, exatamente. Bom, deixa eu falar, já que você nomeou. Isso é um problema, porque isso tudo eu faço... Eu considero extensão, eu acho que é extensão, mas na Rural não é [risos]. Na Rural, você tem que aprovar um projeto para que isso seja considerado extensão. Então eu estou fazendo progressão agora, um monte de coisa, mas nada disso eu não vou...

J.M. – Não vai poder...

S.P. – Não vai poder contar como extensão, mas não tem problema, porque eu acho que a pesquisa é... ensino, pesquisa ou extensão.

J.M. – Ah, é isso?

S.P. – É, ou extensão. Então não tem problema porque não vai impedir a progressão, mas eu acho que isso é injusto, eu não posso computar nada disso como é...

J.M. – Se você não tiver um projeto...

S.P. – É.

J.M. – E você teria interesse em ter tipo um projeto que sintetizasse um pouco essa...

S.P. – Não, esse que é o problema, não. Dá muito trabalho, eu acho, entendeu? Dá muito trabalho, desculpa, na Rural eu tive um projeto de extensão, que na verdade era um projeto da Patrícia que eu entrei como...

J.M. – Participante.

S.P. – Participante.

J.M. – E como era o projeto?

S.P. – Era mais um projeto... eles acharam que era projeto de pesquisa e não foi aprovado [risos]. Foi aprovado, mas com muito custo assim, eles nunca entenderam o que era. Era um projeto que era ligado aos é...CAPS, aqueles atendimentos psico...

J.M. – Sim, sei o que é. Centro de Atendimento Psicossocial.

S.P. – Sim, exatamente, Centro de Atendimento Psicossocial. E era, a Patrícia fazia oficinas de, daí era extensão mesmo, tinha oficinas de papel machê nos centros. E tinha uma outra coisa que a gente queria era filmar, ouvir as pessoas, dar voz àquelas pessoas, existia uma coisa de... Aí isso eles acharam que não era extensão, porque era pesquisa.

J.M. – Ah, entendi, eles estavam achando que vocês estavam coletando dados...

S.P. – Dados, é, exatamente.

J.M. – entendi. Sem contar que o Comitê de Ética da Rural também deve ter implicado talvez.

S.P. – Não, e depois na Rural tem uma coisa muito ligada à extensão rural. Então eles entendem muito que que é dar vacina para vaca ou é... assessorar o pequeno agricultor, algumas coisas eles entendem muito bem que é extensão. Agora outras, você vai para a área urbana... as palestras no MAR, isso não é extensão, isso é palestra, você foi lá falar...

J.M. – Uma coisa acadêmica...

S.P. – Acadêmica, exatamente, eles não, não entendem como extensão, quer dizer, muita coisa que a gente... Para mim é extensão... o que é extensão? Não sei. O que eu poderia fazer como extensão que não seja compartilhar o conhecimento que a gente tem, botar para fora... Não sei.

J.M. – Sim, claro. Só uma coisa que eu acho que a gente passou meio batido, seria legal, você falou do seu trabalho de orientação, que é um trabalho que consome muito tempo, e você deu a entender que é mais em cima do prazo. Então, você tem uma dinâmica de ficar acompanhando, monitorando os alunos, não... Assim, “Oi, o que você está fazendo? Está sumido, escreve”.

S.P. – Não, fiz já. Tenho feito assim de “Cadê você?” [risos], porque eu preciso que eles me procurem e aí de repente fica muito tempo, eu falei e ninguém está me... Aquela coisa, cadê os alunos? Eu preciso que eles me mandem o trabalho. E é por isso também que a iniciação científica não funciona muito, eu estou, eu estou querendo assim abrir, largar ...

J.M. – É mesmo?

S.P. – É, porque eu não consigo, entendeu, ter uma rotina. Eu preciso que os alunos queiram fazer, que eles queiram, daí se deixar eles somem. Então eu estou querendo não pegar mais bolsista de iniciação científica. Vou ver, vou ver, vamos ver. Está terminando aí, tem duas bolsas terminando e eu vou...

J.M. – Mas no mestrado e doutorado você fica em cima também, “Oi, cadê você?” e tal...

S.P. – Fico, tem os prazos, você tem que defender no prazo, tem que ficar insistindo um pouco mais, cadê o ...

J.M. – Mas você chega a ter uma dinâmica coletiva com eles, do tipo todo mês reunião do nosso grupo de pesquisa.

S.P. – Ai, sabe, isso é uma coisa que eu acho tão triste, eu nunca consegui fazer.

J.M. – Você tentou?

S.P. – Não, eu tive vontade [risos]. Tive vontade, falei vamos fazer e tal, mas nunca consegui, porque o problema é o seguinte: a Rural é longe de onde as pessoas moram, não é só longe da gente.

J.M. – Não é só longe... Ah, entendi.

S.P. – Os mestrandos, normalmente, não moram em Seropédica; os alunos, sim, a graduação, sim, mas os alunos de mestrado, não. Então eu tentei muito assim, vamos marcar uma reunião que você, que possa juntar os alunos de mestrado e os alunos da graduação, entendeu? Que era o que eu queria, porque os alunos da graduação, mal ou bem, se encontram, não tem muito o que... mas eu queria reunir todos aqueles que oriento, que pudessem trocar. E eu não consigo marcar, porque nunca pode, o aluno nunca pode, então não... é muito difícil, porque eles não estão na universidade. Eu acho que não é uma dificuldade só minha. Eu queria ter

uma coisa de todo mês conseguir encontrar com o grupo de pesquisa, você ter um grupo de pesquisa, mas eu não consigo, vamos ver se de repente agora melhora. Porque também é... eu tive alguns alunos que estavam dentro do meu projeto, que eu tinha orientado na iniciação e que passaram para o mestrado. Ou uma moça que também, que é essa Ana, que está agora no doutorado, que não era minha aluna, era aluna da Lígia, mas ela veio e ela tinha tudo a ver com a minha pesquisa, então era uma coisa que era mais fácil. Agora eu estou com esses três que não têm nada a ver um com o outro, lembra que eu te falei no começo [risos]? São três pesquisas muito diferentes e também não tem nada a ver com os alunos que eu oriento na iniciação científica. Então também há risco de não ter muito interesse, entendeu? “Ah, para que vai encontrar?”. Então é... eu não consigo marcar, não sei.

J.M. – No caso, quando você orienta, prefere falar com as pessoas presencialmente ou receber o material, fazer os comentários e mandar de volta ou enfim...

S.P. – Eu prefiro conversar. Eu até faço isso de botar os comentários lá no... eu gosto. É ótima essa ferramenta, que você vai lá e só vai comentando [risos], mas eu gosto de encontrar, porque às vezes fica mal entendido, eu acho que às vezes é... Falar, tem que falar. Eu acho assim que se não adianta... Eu acho que os alunos são muito suscetíveis também, você fala um negócio, “Ah, a professora não gostou de nada” [risos]. Fica ofendido e eu acho que se você encontra, você consegue explicar melhor qual é o problema, aonde que você quer chegar, o que você vai... então eu prefiro... Eu faço isso, às vezes, às vezes eu só faço isso se tem um aluno que mora em Itaguaí, então para ele ir para Seropédica é mais difícil.

J.M. – Perrengue.

S.P. – Exatamente. Então com ele eu tenho feito mais só...

J.M. – Vai e volta...

S.P. – Vai e volta, exatamente. Agora com os outros eu tento encontrar mesmo em casa às vezes porque os alunos às vezes moram no Rio. Então para eles é mais fácil...

J.M. – Hum, eles vão para tua casa...

S.P. – Exatamente. Esse é que é o problema de Seropédica. Por exemplo, para os mestrandos, às vezes é melhor para eles encontrar na minha casa e para os alunos que moram em Seropédica, não vão pagar a passagem para ir para lá.

J.M. – É, perrengue mesmo.

S.P. – É, perrengue, isso é uma coisa que dificulta muito assim.

J.M. – Olha, já estamos quase no final. Na verdade uma das últimas perguntas, você meio que já respondeu ao longo da tua fala, que aí eu pergunto: o que você sente falta na tua rotina, o que você gostaria de fazer que você não faz. Provavelmente, acho que você já respondeu.

S.P. – Não, é... Eu acho o seguinte: eu sinto falta da pesquisa, é o que eu sinto falta, o que eu gostaria... Eu sinto falta de fazer pesquisa, eu acho muito triste. Eu vou falar, eu acho muito triste. O que aconteceu com aquilo que é o que eu queria fazer quando eu escolhi fazer ciências sociais, mas, então já foi pior, eu acho que agora eu estou conseguindo retomar porque acabou a coordenação da pós, a coordenação foi até 2016. Então, no meio do ano passado, acho que eu já consegui um respiro, e aí eu acho que se não tivesse tido greve... Na greve mesmo eu já consegui fazer um pouco mais, tem o tempo da greve que a gente usa para trabalhar naquelas coisas que você não trabalha quando está dando, quando está na universidade. Acho que era isso, não é? Não sei.

J.M. – É, era isso.

S.P. – Ai, de ler também, sinto falta de ler. Eu acho que é isso, que virou uma coisa... teve um conhecido que falou uma [coisa]: que a gente vira leitor de textos inéditos, a gente lê teses, dissertações e artigos para parecer; você não lê trabalhos que... você não lê mais coisa que estão em publicação de livros, você não lê mais coisas... Você lê coisas que você está precisando, você tem que fazer parecer, você tem que estar na banca. Então você lê coisas que são de aluno normalmente ou então de pares, aqueles que estão produzindo ali e agora, mas aquilo que você quer ler, que está lá na fila, um monte de coisa...

J.M. – Os livros que você compra com a grana da pesquisa que você não consegue ler nunca.

S.P. – Gente, exatamente! Está tudo lá, daí dá uma olhadinha, você lê um capítulo, você lê uma coisa assim. Mesmo os recentes, aquela coisa da produção, que você quer... nunca consegue.

J.M. – No caso, você falou uma coisa legal, o negócio das bancas, não é? Você mesmo já participou de banca aqui... você tem uma estratégia para isso? Tipo, você prepara um textinho ou você faz umas notas no corpo da tese? Eu já vi de tudo, que eu já fui a muita banca também... já vi gente que prepara uma palestra.

S.P. – Gente, é, eu acho [risos]. Eu não sei como é que as pessoas fazem isso, eu não... Eu faço anotações e eu acho muito chato falar, já que... eu acho muito chato aquela coisa de “Ah, na página sei lá o quê, você falou...”. Eu acho que tem uma ou duas questões que são pertinentes ali, que o resto a pessoa vai fazer a revisão. Gente, não, eu acho, não sei. Eu acho que é uma coisa para contribuir, eu acho, não sei. Eu faço normalmente uma leitura atenta daquilo, eu faço anotações ali, daí eu acho que têm duas ou três questões que são mais importantes, que aquilo vai ajudar, sei lá, a pensar. É assim que eu faço normalmente. Eu já vi aquela coisa de ter um texto. Gente, eu não sei como... como é que você tem tempo de fazer isso? E, para mim, escrever... escrever demora, não é rápido. É uma coisa que demora, não é uma coisa que eu escrevo assim sai em.... em meia hora eu escrevi. Não, demora.

J.M. – Bom, eu não sei se você quer colocar alguma coisa... já terminamos.

S.P. – Não, está ótimo [risos].

J.M. – Está bom, obrigado.

S.P. – É que eu não sei, você me falou o negócio das gerações, não sei se você está...

J.M. – Isso é uma variável, mas eu não pergunto diretamente, mas eu percebo algumas diferenças, mas tem pouco material ainda para fazer uma inferência, mas é perceptível. O quê? Por quê? Você teria algo a dizer sobre isso?

S.P. – Não, eu tenho algumas hipóteses [risos].

J.M. – Pode dizer.

S.P. – Eu não sei por quê. Não, eu acho que mudou, não sei, eu acho que a gente podia conversar talvez, nem precisava gravar.

J.M. – Não, grava porque senão depois eu posso copiar e dizer que é minha ideia.

S.P. – Está bom. Não é, à vontade, não é ideia nenhuma [risos], mas eu não sei, o que você acha? Podia conversar talvez, eu acho que mudou muito, não sei, eu acho que mudou e eu acho que não mudou tanto quanto as pessoas acham, eu acho que tem uma coisa, eu acho que tem duas gerações aí, eu acho que isso tem uma diferença geracional. Eu sempre, eu quero falar porque eu estava... eu acho que isso está assim uma coisa na minha cabeça...

J.M. – Você prefere que desligue?

S.P. – Pode desligar, eu acho, que daí a gente conversa, em vez de eu ficar falando aqui.

J.M. – Está bom. Vamos encerrar.

[FIM DO DEPOIMENTO]